

A inflação, produto perverso da crise capitalista, e a reação dos trabalhadores

Mesmo quem não costuma ir ao supermercado já sabe. Os preços estão na estratosfera. O popular arroz com feijão, prato típico da mesa brasileira, está mais salgado do que nunca. O pãozinho francês, o leite, a carne... tudo vem subindo rapidamente. Segundo o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), os alimentos subiram 0,89% em março, 1,29% em abril e 1,81% em maio. Nos últimos 12 meses, a cesta básica sofreu um aumento aproximado de 20%.

O nome do trem que carrega estes aumentos em ritmo acelerado é bem conhecido dos trabalhadores: é a inflação. Nos cinco primeiros meses deste ano, segundo o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), usado pelo governo, a inflação acumulada chegou a 2,88%. Se compararmos esse índice ao reajuste concedido pelo Cruesp na data-base 2008 (6,51%), veremos que quase metade já foi engolida pela disparada dos preços.

Mas, por que a inflação está de volta depois de vários anos de relativa estabilidade da economia brasileira? A resposta, como veremos a seguir, foge às fronteiras nacionais.

A atual onda inflacionária não é privilégio apenas do nosso país e já vem gerando ondas de protesto em várias nações. Ela surge em meio à alta do barril de petróleo, que já passa da casa dos 130 dólares e, segundo analistas, pode bater nos 200 dólares. O pano de fundo da crise reside na escassez das reservas de petróleo que ameaça a maior economia do planeta, os Estados Unidos. A invasão do Iraque, ao contrário das fajutas explicações dadas por Bush & Cia., foi uma tentativa de controlar o terceiro maior produtor de petróleo do mundo e, com isso, garantir as reservas futuras para a economia norte-americana. No entanto, cinco anos após a invasão, a ofensiva militar dos EUA revela-se um completo fracasso, a cada dia mais evidente com as revoltas populares iraquianas.

As incertezas e desconfianças geradas pelo tropeço norte-americano no Iraque e a instabilidade permanente em todo o Oriente Médio impulsionam ao redor do mundo a política de estímulo à pesquisa e à produção dos chamados biocombustíveis, principalmente derivados da cana-de-açúcar,



da soja, da mamona e outros. O estímulo se traduz, obviamente, em incentivos fiscais e empréstimos estatais aos grandes latifundiários. O resultado - como já se vê no Brasil, com a cana e a soja, e nos Estados Unidos, com o milho - é a substituição em grande escala da plantação de alimentos pela produção de matérias-primas para os biocombustíveis.

Assim, o aumento do preço do petróleo e a escassez de alimentos, que estão intimamente ligados, são os elementos que alavancam a volta da inflação, um dos mais cruéis mecanismos de achatamento das condições de vida da população trabalhadora. Os grandes grupos econômicos também a vêem com maus olhos, mas dela se protegem através do aumento dos

preços. Já os trabalhadores, amarrados em políticas salariais frágeis, vêem seu poder de compra despencar rapidamente.

As saídas encontradas pelo governo Lula apontam para uma penalização ainda maior da população: crescimento dos juros, para conter o consumo, e aumento do superávit primário, ou seja, mais cortes em saúde e educação para pagar a dívida pública e dar garantias aos bancos diante da crise.

Do ponto de vista dos trabalhadores, as saídas para este imbróglia passam pela luta. A única maneira de impedir que os patrões e o governo descarreguem o ônus da crise sobre a população é exigir garantias como a reposição mensal das perdas ou, ainda, um "gatilho" salarial, ou seja, a correção automática dos salários sempre que a inflação atinja determinado patamar. As greves que começam a pipocar em todo o país, embora ainda isoladas, refletem o potencial de reação. No segundo semestre, entram em data-base categorias importantes, como petroleiros, metalúrgicos e bancários.

Nas universidades estaduais paulistas, a mal resolvida campanha salarial 2008 coloca para servidores e docentes a necessidade de prosseguir na luta. Além da parcela fixa de R\$ 200,00, é preciso colocar na mesa de negociações com os reitores uma política salarial que dê conta da retomada da inflação. Fruto de um relativo crescimento na economia, que se reflete na arrecadação do ICMS, as universidades ostentam uma boa situação financeira, como mostram matérias nas páginas seguintes. Com a palavra, o Cruesp!

2,88%

É a inflação acumulada de janeiro a maio de 2008. Isso significa que quase metade do índice concedido pelo Cruesp (6,51%) já foi engolida